

Palácio da Bolsa

Intervenção no lanternim da Escadaria Nobre

Filipe Ferreira | Eng. Civil, AOF

Lília Costa | Arquiteta, AOF

www.aof.pt

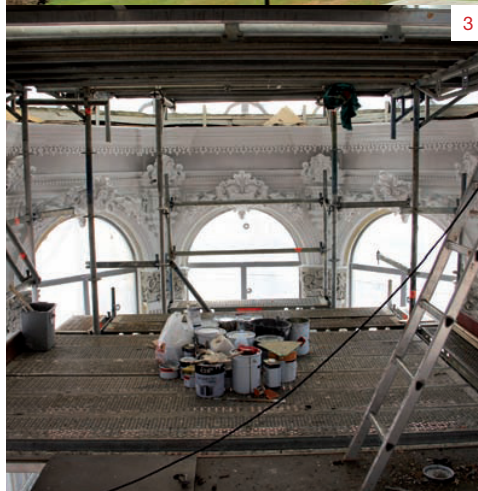
O crescimento e consequente fixação da população nos grandes centros urbanos, verificado a partir dos finais do século XIX, provocaram a necessidade de construir a um ritmo invulgarmente acelerado. Esta dinâmica, associada ao aparecimento do betão armado, levou ao abandono das práticas construtivas tradicionais, consideradas então desajustadas à urgência de resultados. Este “saber-fazer” foi assim posto em causa, tendo-se verificado o quase desaparecimento de mão-de-obra especializada.

A crise instalada, o desaceleramento da construção nova e o aparecimento de novas soluções tecnológicas fizeram reaparecer a importância da reabilitação e consequente interesse pela arte de bem construir.

A criteriosa análise das marcas de um edifício, permite-nos desvendar o seu modo construtivo, a sua função, alterações de uso, época construtiva, intervenções passadas, e fundamentalmente as técnicas utilizadas na sua execução, fundamentais para preconizar soluções para a sua recuperação.

Um bom trabalho de diagnóstico, é fundamental na análise da patologia do edifício, pois permite aferir os melhores meios e técnicas, para formalizar a resposta a cada problema.

No património construído português há exemplos de grande qualidade, quer ao nível arquitectónico, artístico ou simbólico. Das várias partes que compõe um edifício antigo, apresenta-se um exemplo de reabilitação de uma superfície decorada de madeira, num edifício do século XIX.



Enquadramento

Com traços do neoclassicismo oitocentista, da arquitectura toscana e do neopaladianismo inglês, da autoria do arquitecto Joaquim da Costa Lima, inicia-se, em 1842 a construção do Palácio da Bolsa (Fig. 1). Por lá passaram outros artistas, como Gustavo Adolfo, Tomás Soller, José de Macedo, Marques da Silva, António Ramalho, que ao longo da construção, foram deixando o seu contributo, na que é agora, uma das mais emblemáticas obras arquitectónicas da cidade do Porto. Apesar do fluente uso, o desgaste do edifício obriga ao particular cuidado na sua conservação. A Associação Comercial do Porto, levou a cabo uma obra de conservação e restauro, na ala da Escadaria Nobre (Fig. 2) e Sala Medina (Fig. 3), que abrangeu múltiplas disciplinas. A manutenção preventiva, para além de evitar a degradação acelerada do edifício, mantém-lhe a dignidade. Foi elaborado um estudo de inspecção e diagnóstico, levado a cabo pelo IC (Instituto da Construção) da FEUP, para que fosse aferido o estado de conservação dos elementos a intervir, sendo este estudo, fundamental para a elaboração das linhas orientadoras das formas de actuação no processo de reabilitação. O estado de degradação geral, não apresentava risco de perda total de nenhum elemento a intervir, mas anunciava já sinais de preocupação, que suscitaram a agilização do processo de conservação e restauro. A cobertura da Escadaria Nobre é composta por uma complexa estrutura de madeira de castanho, constituída por vigas treliçadas e asnas, apoiadas em paredes de alvenaria de granito, rasgadas por vãos com caixilharia metálica. A cobertura é rematada por uma sumptuosa clarabóia, lanternim, com estrutura de madeira, ferro e vidro. Sob a estrutura da cobertura, encontra-se a estrutura de suporte do tecto abobadado da clarabóia da Escadaria Nobre, em estuque fasquiado. O intradorso do tecto é decorado com telas da autoria de António Ramalho, ladeadas dum trabalho de mestria em estuque decorado com fingidos de granito numa perfeição inigualável. Coroando o trabalho em estuque, o remate dos vãos do lanternim, é constituído por painéis de madeira de castanho, a revestir a estrutura, com colunelos clássicos, capitéis compósitos e brasões a rematar os arcos das bandeiras dos vãos. (Fig. 4) Existem inúmeros elementos esculpidos em madeira de castanho, num trabalho de filigrana, fingindo estuque, com a mesma qualidade dos restantes elementos da abóbada.

O remate do tambor da clarabóia, com as águas do telhado da cobertura, em rufo de chumbo coberto com telas betuminosas, encontrava-se em avançado estado de degradação, devido às alterações a que foi sujeito e ao desgaste dos materiais que o constituíam. Esta patologia originou infiltrações no interior do espaço, e consequentemente a degradação de algumas molduras das almofadas dos vãos. (Fig. 5). Os restantes elementos de revestimento, apenas apresentavam perdas pontuais de material, por queda, devido à esbelteza desses elementos decorativos. Parte deles, são reforçados com folha de chumbo, para melhor fixar as diversas peças dos elementos

Intervenção

O projeto de intervenção foi elaborado pela AFA. Grande parte da superfície de madeira, apenas apresentava sujidade superficial, de pó acumulado, agravado com a humidade relativa do ar. (Fig. 6) A intervenção iniciou-se com uma limpeza manual, seguida de limpeza química, nas áreas mais afetadas. Os brasões que coroam as bandeiras das janelas, foram cuidadosamente removidos, para serem tratados e para permitirem a substituição dos vãos de ferro. Estes elementos estavam originalmente numerados, o que facilitou a organização e manuseamento das peças. As molduras das almofadas foram igualmente desmanteladas, para ser possível a substituição dos vãos metálicos. Alguns elementos apresentavam podridão, devido às infiltrações a que foram sujeitos, tendo sido substituídos pontualmente, através de próteses de madeira da mesma espécie, com perfil igual ao pré-existente. Após este trabalho inicial, toda a superfície foi preparada, para receber um esquema de pintura em esmalte de cor semelhante à pré-existente. Por se tratar dum lanternim, toda esta superfície pintada apresenta um risco acrescido de degradação por exposição solar. A escolha dos novos painéis de vidro, em vidro laminado, foi pensada para minimizar a radiação sobre os elementos interiores.

Conclusão

A intervenção num edifício histórico tem de ser vista como um todo. As diversas disciplinas e intervenientes têm que dialogar entre si, para aferir a melhor solução para o conjunto arquitectónico. Conseguiu-se com este trabalho a preservação dos elementos do lanternim, respeitando a autenticidade, utilizando as técnicas tradicionais, associadas a novas tecnologias ■



4

5



6

7

